



CENTRO UNIVERSITÁRIO GOYAZES – UNIGOYAZES
CURSO DE PEDAGOGIA

A IMPORTÂNCIA DO CONTATO COM A NATUREZA NA EDUCAÇÃO INFANTIL:
Contribuições para o desenvolvimento integral da criança

Stéfanny Agostinho Vieira

Orientador(a): Prof. Ma. Dilma Maria de Rezende Silva

Trindade-GO

2025

CENTRO UNIVERSITÁRIO GOYAZES – UNIGOYAZES

CURSO DE PEDAGOGIA

A IMPORTÂNCIA DO CONTATO COM A NATUREZA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: Contribuições para o desenvolvimento integral da criança

STÉFANNY AGOSTINHO VIEIRA

**Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Centro Universitários
Goyazes – UniGoyazes como requisito para
obtenção do título de Licenciatura em
Pedagogia.**

Orientador(a): Prof. Ma. Dilma Maria de Rezende Silva

Trindade - GO

2025

Stéfanny Agostinho Vieira

**A IMPORTÂNCIA DO CONTATO COM A NATUREZA NA EDUCAÇÃO INFANTIL:
Contribuições para o Desenvolvimento Integral da Criança**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Centro Universitários Goyazes –
UniGoyazes como requisito parcial à obtenção
do título de Licenciatura em Pedagogia,
aprovada pela seguinte banca examinadora:

Prof. Ma. Dilma Maria de Rezende Silva
Centro Universitário Goyazes – UniGoyazes

Prof. Me. Adão Gomes de Souza
Centro Universitário Goyazes – UniGoyazes

Prof. Ma Kamila Barros Viana Vaz
Universidade Federal de Goiás – UFG

Trindade - GO

02/12/2025

**A IMPORTÂNCIA DO CONTATO COM A NATUREZA NA EDUCAÇÃO INFANTIL:
Contribuições para o desenvolvimento integral da criança**

RESUMO

Objetivo: Compreender de que forma o contato com a natureza na Educação Infantil pode contribuir para o desenvolvimento integral das crianças. **Metodologia:** Foi realizada uma pesquisa bibliográfica, de caráter qualitativo. As buscas foram feitas em diferentes bases de dados, como SciELO e Google Scholar. A seleção dos materiais ocorreu com base na pertinência ao tema, e a pesquisa e produção dos dados sucederam-se por meio da análise da leitura de artigos, textos e livros. **Resultados:** De modo geral, as pesquisas analisadas apontam que a vivência em ambientes naturais estimula dimensões físicas, cognitivas, emocionais e sociais, além de favorecer a autonomia e a criatividade. Observou-se também que o papel do professor é fundamental nesse processo, pois sua mediação transforma experiências simples em aprendizagens significativas e sustentáveis. **Considerações Finais:** Inserir a natureza no cotidiano escolar amplia as possibilidades formativas e fortalece valores éticos, empáticos e de sustentabilidade, contribuindo para uma educação mais humana, sensível e conectada ao meio ambiente.

Palavras-chave: Natureza. Educação Infantil. Desenvolvimento Integral. Práticas pedagógicas.

The Importance of Contact with Nature in Early Childhood Education: Contributions to the Child's Integral Development

ABSTRACT

Objective: To understand how contact with nature in Early Childhood Education can contribute to the integral development of children. **Methodology:** A qualitative, bibliographic research was conducted. Searches were carried out in different databases, such as SciELO and Google Scholar. The selection of materials was based on their relevance to the theme, and data production resulted from the analysis of articles, texts, and books. **Results:** In general, the analyzed studies indicate that experiences in natural environments stimulate children's physical, cognitive, emotional, and social dimensions, in addition to promoting autonomy and creativity. It was also observed that the role of the teacher is fundamental in this process, as their mediation transforms simple experiences into meaningful and sustainable learning. **Final Considerations:** Inserting nature into the school routine expands educational possibilities and strengthens ethical, empathetic, and sustainability values, contributing to a more humane, sensitive, and environmentally connected education.

Keywords: Nature. Early Childhood Education. Holistic Development. Educational Practices.

¹Acadêmico do Curso de Pedagogia do Centro Universitário Goyazes – UniGoyazes

Dedico esse trabalho primeiramente a Deus porque ele me guiou em cada passo dessa caminhada, concedendo-me força nos momentos de dificuldade, sabedoria nas decisões e inspiração para seguir em frente com fé e perseverança.

Agradeço à minha família, base essencial de amor e apoio, que esteve ao meu lado em todos os momentos, ajudaram a tornar esse percurso mais leve e significativo.

E, de modo muito especial, dedico à minha filha, que enche minha vida de cores, alegria e sentido. É por ela e para ela que encontro diariamente motivos para acreditar, sonhar e continuar.

INTRODUÇÃO

A escolha do tema “ A importância do contato com a natureza na Educação Infantil e o desenvolvimento integral da criança” surgiu das observações realizadas durante o estágio na Educação Infantil, onde foi possível identificar o interesse das crianças pelas experiências ao ar livre, elas interagem com o mundo natural cheias de fascínio.

Esses momentos eram tão estimulantes para as crianças, que era possível notar que elas agiam como verdadeiras exploradoras da natureza, coletavam folhas, pedrinhas, brincavam na terra e até observavam as formigas. Apesar do entusiasmo das crianças, alguns responsáveis demonstravam preocupação apenas com as roupas sujas.

Diante disso, surge a seguinte problemática: Como a redução do contato com ambientes naturais influencia o desenvolvimento integral das crianças na Educação infantil?

A Educação Infantil é a fase inicial da Educação Básica e visa assegurar o desenvolvimento completo da criança, levando em conta seus ritmos, demandas e modos

de aprendizagem. De acordo com a BNCC, a brincadeira e as interações são eixos estruturantes no processo de ensino, pois proporcionam à criança a oportunidade de explorar o mundo, criar significados e desenvolver sua autonomia em variados contextos sociais e culturais (BRASIL, 2017).

De acordo com a Sociedade Brasileira de Pediatria (2024), o contato com a natureza desempenha um papel fundamental no desenvolvimento infantil, estimulando a criatividade, a iniciativa e a autoconfiança. Além disso, favorece a tomada de decisões, a resolução de problemas e a capacidade de fazer escolhas contribuindo para o aprimoramento das múltiplas linguagens e da coordenação psicomotora. Também proporciona benefícios relacionados à ética e à sensibilidade, o fortalecimento da empatia, o desenvolvimento da humildade e a construção do senso de pertencimento.

Entre os muitos estímulos essenciais nessa fase, o contato com a natureza se destaca como um elemento fundamental. Antes mesmo de aprender a ler palavras, a criança já aprende por meio da observação e da interação com o ambiente. No entanto, com o avanço da urbanização, a redução de espaços naturais acessíveis, a rotina intensa dos pais e o crescimento das tecnologias digitais, o tempo que as crianças passam ao ar livre tem sido drasticamente reduzido e em alguns casos, chegando até a desaparecer.

6

Segundo Barros (2018), o distanciamento das crianças em relação à natureza tem se tornado uma preocupação atual, sendo considerado uma crise do nosso tempo. Esse afastamento é evidente, sobretudo em áreas urbanas, como consequência, diversos problemas de saúde têm se manifestado, incluindo obesidade, hiperatividade, déficit de atenção, instabilidade emocional, dificuldades motoras, como falta de equilíbrio, agilidade e coordenação e até mesmo o aumento da incidência de miopia.

Assim, o presente trabalho nasce do desejo de conscientizar sobre a relevância da natureza nas práticas pedagógicas da educação infantil, reconhecendo-a como uma aliada indispensável no desenvolvimento integral da criança. Portanto, o objetivo geral é evidenciar a importância do contato com o ambiente natural para esse processo formativo.

Os objetivos específicos deste estudo consistem em considerar as formas pelas quais as crianças interagem e aprendem em ambientes naturais a partir da experimentação; descrever os múltiplos benefícios desse contato para o desenvolvimento cognitivo, sensorial, motor, emocional e social; refletir acerca das consequências do afastamento das crianças da natureza no contexto contemporâneo; bem como favorecer,

por meio deste estudo, a conscientização dos responsáveis, educadores e da comunidade escolar sobre a necessidade de integrar experiências ao ar livre às práticas pedagógicas.

METODOLOGIA

O estudo atual é uma revisão bibliográfica de caráter qualitativo com o objetivo de analisar as contribuições do contato com a natureza no processo de ensino-aprendizagem e no desenvolvimento integral da criança. Foi embasado na análise e interpretação de fontes teóricas já publicadas sobre a importância da interação das crianças com a natureza na Educação Infantil.

A pesquisa e produção de dados sucederam-se por meio da análise da leitura de artigos e textos, além de livros. A busca dos estudos foi realizada por bases de dados acadêmicas, como SciELO, Google Scholar, utilizando termos em português como “educação infantil”, “natureza”, “aprendizagem” e “práticas pedagógicas”.

A seleção dos materiais ocorreu com base na pertinência ao tema, considerando publicações que abordassem a relação entre o contato com a natureza e o desenvolvimento infantil sob aspectos cognitivos, motores, sociais e emocionais. Foram incluídos artigos científicos, livros, documentos oficiais e produções acadêmicas relevantes, bem como

7

pesquisas que analisam práticas pedagógicas, formação docente ou educação ambiental voltadas à primeira infância.

RESULTADOS

Os estudos analisados convergem ao demonstrar que ambientes naturais favorecem processos cognitivos, motores e socioemocionais, além de reduzir o estresse e promover o bem-estar. Além disso, o contato com a natureza é uma estratégia acessível e eficaz de promoção da saúde, especialmente em contextos urbanos marcados pelo excesso de estímulos artificiais e pela carência de espaços verdes.

CONTRIBUIÇÕES TEÓRICAS DOS AUTORES SOBRE O CONTATO DA CRIANÇA COM A NATUREZA

Autor(a)	Concepção de desenvolvimento	infantil Ideias centrais relacionadas ao contato com a natureza	Contribuições	pedagógicas para a Educação Infantil
Jean Piaget (1971)		assimilação e acomodação, permitindo que a criança construa conhecimento de forma ativa.	e promove aprendizagens na Zona de Desenvolvimento	Sociedade Brasileira de Pediatria – SBP (2024)
Lev Vygotsky (1991; 2010)	O desenvolvimento ocorre por estágios, por meio da interação ativa da criança com o meio físico.	A natureza é um contexto rico para interação social, diálogo, construção de significados e mediação docente.	Maria Montessori (1967)	A aprendizagem ocorre por meio da autonomia, liberdade com responsabilidade e exploração sensorial.
		Atividades externas, exploração sensorial, manipulação de elementos naturais e observação direta favorecem o pensamento lógico e a formação de hipóteses.	Maria Isabel Barros (2018)	O desenvolvimento exige movimento, sensorialidade e experiências externas.
	O desenvolvimento é socialmente mediado e influenciado pela cultura e interação com o meio.		Richard a Louv (2016)	
A natureza oferece experiências concretas que favorecem a		A vivência ao ar livre amplia linguagem, interação, cooperação	Amarante / Fiocruz (2022)	A sociedade moderna reduz experiências diretas com ambientes naturais.

Tecnologia e telas estão interferindo no desenvolvimento cognitivo, emocional e social.	A ausência de contato com a natureza empobrece o desenvolvimento físico, emocional e sensorial das crianças em contextos urbanos.	concentração e a criatividade das crianças. A natureza favorece autonomia, autorregulação emocional, tomada de decisões e construção de vínculos afetivos saudáveis.	arquitetônica das escolas para incluir jardins, espaços abertos. Defende práticas educativas intencionais ao ar livre como parte constante do currículo e não apenas recreação.
O desenvolvimento infantil depende de experiências motoras, emocionais, sociais e sensoriais	Conceito de “Transtorno de Déficit de Natureza”: o afastamento provoca prejuízos cognitivos, socioemocionais e físicos.	8 Proximal (ZDP). Proposta de ambientes preparados com materiais naturais, hortas, cuidado com plantas e animais, estimulando autonomia, responsabilidade e respeito.	Sugere práticas que incluam experiências sensoriais, movimento e brincadeiras em ambientes naturais.
O ambiente natural favorece a sensorialidade, a curiosidade e o autocuidado, estimulando a autodisciplina e a observação consciente do meio.	A vivência em ambientes naturais atua como um contraponto ao uso excessivo de tecnologias, contribuindo para melhorar a atenção, a	Recomenda reorganização	Recomenda políticas públicas e práticas pedagógicas que incluam atividades ao ar livre como elemento

reais. estruturante da educação infantil.

Fonte: Elaborada pela autora.

A análise comparativa dos autores apresentados na tabela evidencia uma convergência teórica consistente quanto à relevância do contato da criança com a natureza para o seu desenvolvimento integral. Ainda que partam de diferentes matrizes epistemológicas, todos reconhecem que a interação com o ambiente natural constitui um elemento estruturante no processo de aprendizagem e de desenvolvimento humano.

Os autores clássicos apresentados na tabela demonstram convergência quanto à compreensão de que o desenvolvimento infantil ocorre por meio da interação da criança com o meio. Piaget, Vygotsky e Montessori reconhecem que a criança é um sujeito ativo no processo de aprendizagem e que o ambiente exerce papel fundamental nesse desenvolvimento.

Entretanto, observa-se como divergência a forma como cada autor compreende essa interação. Enquanto Piaget enfatiza a construção do conhecimento a partir da ação individual da criança sobre o meio, Vygotsky destaca o papel das interações sociais e da mediação do outro no processo de aprendizagem. Montessori, por sua vez, diferencia-se ao valorizar a autonomia, a autoeducação e a organização intencional do ambiente como facilitadores do desenvolvimento infantil.

Apesar dessas diferenças teóricas, os três autores convergem ao reconhecer que ambientes ricos em estímulos, como os espaços naturais, favorecem o desenvolvimento cognitivo, motor e emocional da criança.

Esses princípios dialogam diretamente com as propostas contemporâneas que defendem a reorganização dos espaços escolares, conforme aponta Barros, ao evidenciar que a ausência de experiências ao ar livre empobrece o desenvolvimento físico, emocional e sensorial das crianças, especialmente em contextos urbanos.

Richard Louv amplia essa discussão ao introduzir o conceito de “Transtorno de Déficit de Natureza”, alertando para os impactos negativos do afastamento das crianças dos ambientes naturais, os quais se manifestam em prejuízos cognitivos, emocionais, comportamentais e físicos.

Essa discussão é reforçada pelos estudos de Amarante e da Fiocruz, que destacam a interferência do uso excessivo de tecnologias no desenvolvimento infantil, sobretudo na

10

atenção, na linguagem, na criatividade e na socialização. A Sociedade Brasileira de Pediatria também corrobora essas evidências ao defender que o desenvolvimento infantil depende de vivências reais, envolvendo experiências amplamente favorecidas nos ambientes naturais.

Nesse cenário, o contato com a natureza surge como um contraponto essencial às experiências digitais passivas, promovendo movimento, interação, curiosidade e experiências sensoriais significativas.

Portanto, reforça ainda a necessidade de políticas públicas e práticas pedagógicas que garantam às crianças o direito ao brincar ao ar livre e ao convívio com a natureza como elemento estruturante da Educação Infantil.

Os autores contemporâneos, como Barros, Louv, Amarante e a Sociedade Brasileira de Pediatria, direcionam suas análises para os impactos da vida urbana, do uso excessivo de tecnologias e do afastamento da natureza, destacando consequências físicas, emocionais, cognitivas e comportamentais.

Dessa forma, observa-se que, apesar das diferentes abordagens teóricas, há uma clara convergência entre os autores no que se refere aos benefícios do contato com a natureza para o desenvolvimento das habilidades motoras, da atenção, da autonomia, da autorregulação emocional, da criatividade e da socialização.

A comparação apresentada na tabela reforça que, embora partam de diferentes referências teóricas, todos os autores reconhecem o contato com a natureza como elemento fundamental no processo de aprendizagem e no desenvolvimento da criança. Piaget, Vygotsky e Montessori fornecem fundamentos clássicos que validam a relevância da descoberta e da interação com ambiente natural. Autores atuais como Barros, Louv, Amarante e a Sociedade Brasileira de Pediatria ampliam essa visão.

DISCUSSÃO

A partir da fundamentação teórica, observa-se que a Educação Infantil constitui o primeiro espaço institucional de desenvolvimento humano, e que o contato com a natureza amplia as possibilidades dessa formação. Como primeira fase da Educação Básica, destina-se ao atendimento das crianças de zero a cinco anos de idade.

Por meio de brincadeiras a criança desenvolve a linguagem, a criatividade, a autonomia e a capacidade de se relacionar com o mundo ao seu redor. A natureza é repleta de sons, cores, tamanhos, formas, cheiros e gostos, ela é completa e cheia de significados.

11

A análise dos estudos selecionados evidencia que o contato com a natureza na Educação Infantil desempenha um papel significativo no desenvolvimento da criança, abrangendo dimensões físicas, cognitivas, emocionais e sociais.

As Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil (DCNEI, Resolução CNE/CEB nº 5/2009), em seu Artigo 4º, definem a criança como:

Sujeito histórico e de direitos, que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura (Brasil, 2009, p.18).

Além disso, a BNCC orienta que as práticas pedagógicas devem garantir que as crianças tenham oportunidades de explorar múltiplos estímulos sensoriais. Essa orientação encontra correspondência direta nas vivências naturais, uma vez que folhas, pedras, água, terra, plantas, insetos e variações climáticas oferecem experiências sensoriais ricas, diversas e insubstituíveis. Tais experiências ampliam a percepção, promovem o desenvolvimento motor e fortalecem a imaginação e a criatividade.

A relação da BNCC com a natureza se torna ainda mais evidente quando o documento determina que a Educação Infantil deve possibilitar vivências diretas com o ambiente natural, ao afirmar que “a Educação Infantil deve promover experiências nas quais as crianças possam vivenciar a relação com a natureza, com seus elementos e fenômenos” (BRASIL, 2017, p.38).

Esse trecho consolida a compreensão de que a presença da natureza não é opcional, recreativa ou complementar, mas um elemento estruturante do currículo. Dessa forma, a escola deve garantir espaços externos, tempos de exploração, investigação de elementos naturais e oportunidades diárias de convivência com o meio ambiente.

Dentre os principais teóricos da aprendizagem, destacam-se Piaget, Vygotsky e Montessori, cujas contribuições são fundamentais para compreender o desenvolvimento infantil e a importância do contato com o ambiente.

Para Piaget (1971), o desenvolvimento organiza-se em estágios, resultado da maturação biológica e da ação da criança sobre o meio, sendo a natureza um espaço privilegiado para a experimentação, a descoberta, a formulação de hipóteses e a construção ativa do conhecimento por meio dos processos de assimilação e acomodação.

Nesse mesmo sentido, Vygotsky (1991), compreende o desenvolvimento como um processo socialmente mediado, no qual a interação com o outro e com o meio cultural favorece a internalização dos conhecimentos; a natureza, nesse contexto, configura-se como um espaço de ricas interações sociais, de linguagem, cooperação e mediação

12

docente, especialmente no âmbito da Zona de Desenvolvimento Proximal. Por sua vez, Montessori (1967), reforça que o aprendizado ocorre de forma mais significativa quando a criança tem liberdade para explorar e interagir com um ambiente preparado. Para

Montessori, ambientes naturais organizados pedagogicamente, com hortas, plantas, contato com animais e materiais naturais, favorecem o autocontrole, a concentração, a responsabilidade e a observação consciente do meio. Ao ingressar na educação infantil, as crianças já trazem consigo percepções sobre o mundo ao seu redor. Por meio do contato com a natureza, a criança explora o ambiente, experimenta diferentes estímulos sensoriais e aprende de forma ativa e significativa. A interação com elementos naturais favorece a criatividade, a curiosidade, o desenvolvimento motor e cognitivo, além de contribuir para a construção de uma relação mais harmônica com o meio ambiente. De acordo com Barros:

No âmbito da educação infantil, o reconhecimento da necessidade de movimento e experiências sensoriais diversas trouxe a reflexão sobre a arquitetura dos espaços escolares. O reconhecimento da necessidade das crianças de tomar sol, estar ao ar livre, desenvolver-se fisicamente, expandir-se em movimento, bem como outros aspectos emocionais e sociais, fez com que os espaços externos ultrapassassem o aspecto do paisagismo e também fossem considerados importantes para o uso e a circulação de crianças em escolas de educação infantil (Barros, 2018, p. 35).

Portanto, o contato com a natureza, quando incluído no cotidiano da Educação Infantil, constitui uma ferramenta pedagógica transformadora. Assim, o ambiente natural atua como um contexto mediador privilegiado, que potencializa a aprendizagem pela experiência e pela descoberta.

[...] a vivência de uma situação qualquer, a vivência de um componente qualquer do meio determina qual influência essa situação ou esse meio exercerá na criança. Dessa forma, não é esse ou aquele elemento tomado independentemente da criança, mas, sim, o elemento interpretado pela vivência da criança que pode determinar sua influência no decorrer de seu desenvolvimento futuro (Vygotski, 2010, p. 683-684).

O professor tem um papel importante porque ele atua como mediador e facilitador criando aprendizagens significativas no qual o meio ambiente se torna um espaço de exploração e construção de sentidos, criando oportunidades para que a criança observe, experimente e reflita sobre o que vê e sente. Segundo Vygotsky (2007): "O aprendizado adequadamente organizado resulta em desenvolvimento mental e põe em movimento vários processos de desenvolvimento que, de outra forma, seriam impossíveis de acontecer."

Criar ambientes de aprendizagem que incorporem a natureza pode mudar a dinâmica da sala de aula. Isso pode ser feito através de atividades ao ar livre, como aulas

em parques, piquenique, jardinagem e projetos que estimulem a observação do ambiente

natural e a interação com ele. Essas experiências práticas não só tornam o aprendizado mais interativo e divertido, mas também ajudam a desenvolver habilidades socioemocionais. De acordo com a Sociedade Brasileira de Pediatria:

Em relação à educação, enfrentamos inúmeros desafios para oferecer uma experiência significativa e valiosa para estudantes. Um deles é a necessidade de refletir sobre e requalificar as práticas, a organização, as rotinas e o tempo escolar, reconhecendo o brincar e o aprender com a - e na - natureza como um dos elementos centrais de uma educação vinculada com a própria vida (Sociedade Brasileira De Pediatria, 2024, p.5).

Considerando que o afastamento da natureza coincide com o aumento do uso de telas na infância, torna-se relevante destacar a análise de Roberta Tanabe, coordenadora do Núcleo de Saúde e Brincar do IFF/Fiocruz. Para a especialista:

Diversos estudos têm apontado atrasos cognitivos e de linguagem associados ao uso excessivo de telas na primeira infância, época importante na organização estrutural e na plasticidade cerebral, sobretudo nos menores. De uma maneira geral, a atitude das crianças diante das telas é passiva. O interesse e a atenção são mantidos na oferta de múltiplos e contínuos estímulos, cujos resultados obedecem a uma lógica imediatista. Na interação digital, a resposta é rápida e pronta, o que deixa pouco lugar para investigação, imaginação, apreensão e interpretação dos conteúdos que vão sendo apresentados (Amarante, 2022).

A preocupação deve recair sobre o modo como as crianças estão gradualmente perdendo o contato com a natureza. O ambiente natural constitui uma dimensão essencial do ser humano em sua forma integral. Entretanto, o uso excessivo de telas, muitas vezes empregado pelos pais como estratégia de controle ou entretenimento, tem reduzido as oportunidades de interação das crianças com o meio, limitando experiências fundamentais de aprendizagem e descoberta.

A rotina intensa dos pais, marcada por longas jornadas de trabalho e pela dupla jornada desempenhada por muitas mães, aliada a introdução da tecnologia e à crescente urbanização tem transformado profundamente a infância das novas gerações. As cidades oferecem cada vez menos espaços naturais que permitam vivências significativas, restringindo o contato direto com elementos essenciais do ambiente.

A natureza constitui um contexto privilegiado para o desenvolvimento da curiosidade, da exploração e da postura investigativa da criança, além de favorecer o desenvolvimento social e emocional. É nesse espaço que ela aprende sobre formas, texturas, cores e sons, ampliando sua percepção sensorial e sua compreensão do mundo. Assim, a natureza se reafirma como um ambiente de aprendizagem rico e insubstituível, capaz de integrar emoção, experiência e conhecimento de maneira significativa.



Criança brincando com a terra³

Portanto, torna-se essencial que as instituições de Educação Infantil desenvolvam práticas pedagógicas que integrem o ambiente natural ao cotidiano das crianças. A escola, ao reconhecer a natureza como elemento estruturante do desenvolvimento infantil, pode organizar experiências educativas que valorizem a exploração, a investigação e a interação direta com elementos naturais, de forma alinhada às orientações da BNCC e às DCNEI.

Uma prática pedagógica fundamental consiste na criação de espaços naturais dentro da escola, como hortas, jardins sensoriais ou pequenos canteiros destinados à observação e ao cuidado com plantas. Esses ambientes favorecem a autonomia, o senso de responsabilidade e a percepção sensorial, ao mesmo tempo em que ampliam oportunidades de investigação e de construção de hipóteses.

A horta escolar, por exemplo, permite que as crianças participem de processos como plantar, regar, colher e observar mudanças, fortalecendo habilidades cognitivas, motoras e socioemocionais. Outra possibilidade é a organização de rotinas ao ar livre, incluindo momentos diários de brincadeiras em ambientes externos, rodas de conversa, contações de histórias na sombra das árvores e atividades de música e movimento.

O tempo ao ar livre promove liberdade corporal, expressão, convivência e experiências sensoriais variadas, ampliando o repertório motor e cultural das crianças. Além disso, atividades como piqueniques pedagógicos, caminhadas exploratórias no entorno da escola ou visitas a parques e praças enriquecem a compreensão das crianças

sobre o

³Fonte: (CANCIAN; GALINA; WESCHENFELDER, 2018, p. 350).

15

ambiente natural e fortalecem vínculos emocionais com a natureza.

A escola também pode desenvolver projetos de investigação, nos quais as crianças exploram fenômenos naturais, coletam folhas, observam insetos, acompanham o crescimento de sementes, percebem sombras e variações climáticas. Esses projetos dialogam com a curiosidade infantil e estimulam o pensamento científico desde os primeiros anos de vida.

Entretanto, mesmo diante de práticas que podem enriquecer o cotidiano escolar, é importante reconhecer que a realidade social contemporânea impõe obstáculos significativos ao contato das crianças com a natureza. Além disso, a crescente criminalidade nas áreas urbanas tem contribuído para o afastamento das crianças dos espaços verdes e das brincadeiras ao ar livre.

O medo e a insegurança fazem com que as famílias restrinjam a liberdade infantil, limitando o contato direto com o ambiente natural. Essa realidade transforma a infância, antes marcada por experiências de convivência, exploração e movimento, em uma rotina cada vez mais confinada a espaços fechados e mediada por telas. Segundo Roberta Tanabe, coordenadora do Núcleo de Saúde e Brincar do IFF/Fiocruz:

A super estimulação presente nos meios digitais e a obtenção de respostas imediatas interferem, negativamente, na capacidade de atenção e na habilidade de saber esperar, contribuindo para a impulsividade, hiperatividade, baixa tolerância às frustrações, irritabilidade e estresse. O comportamento passivo da criança frente às telas pode também fomentar uma predileção por atividades que exijam menos cognitivamente, debilitando assim a capacidade criativa e crítica dos pequenos. A preguiça, a ansiedade e a frustração são reações que podem surgir diante de atividades que requeiram esforço intelectual, paciência e o protagonismo delas (Amarante, 2022).

Essa mudança também é impulsionada pelo interesse do setor privado e pela falta de políticas públicas eficazes por parte do Estado. As crianças são vistas como um público consumidor em potencial pelo mercado, que estimula o uso de aparelhos eletrônicos, plataformas online e jogos pagos desde a infância. Por ser um espaço gratuito, livre e acessível, a natureza não produz lucro e por isso não provoca o mesmo incentivo para investimento ou divulgação.

Diante desse cenário, torna-se essencial repensar as práticas educativas e familiares, promovendo uma reaproximação das crianças com o ambiente natural. É papel da escola e da sociedade criar condições que favoreçam experiências ao ar livre, por

meio de projetos pedagógicos que valorizem o contato direto com a natureza e estimulem a observação, a investigação e a criatividade. De acordo com Barros :

16

Para a maioria das crianças vivendo em grandes centros urbanos, há poucas áreas verdes disponíveis e a segurança é uma barreira real para explorações, vivências e brincadeiras em ambientes públicos ao ar livre. Essas crianças e suas famílias vivem em bairros onde quase tudo ao redor está pavimentado e ocupado por construções ou tráfego. Nessas comunidades, nós precisamos fazer mais do que conservar a fração de natureza que restou. Nós temos que criar mais. Os espaços escolares são um bom lugar para começar (Barros, 2018, p. 35).

As crianças crescem cada vez mais conectadas virtualmente, mas desconectadas do mundo real. Portanto, garantir o contato das crianças com a natureza é mais que uma necessidade, é um investimento em um futuro mais consciente e sustentável. Ao priorizar essa interação, estamos ajudando a formar adultos mais responsáveis e conectados com o mundo. Portanto, devemos nos esforçar para resgatar esse vínculo com o meio ambiente, promovendo uma educação infantil que valorize e integre a natureza no dia a dia das crianças.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento deste trabalho permitiu ampliar o entendimento sobre a presença da natureza nas práticas pedagógicas da educação infantil e reforçou a percepção de que esse contato representa um elemento essencial para o desenvolvimento integral da criança.

Ao longo do estudo, tornou-se evidente que espaços naturais favorecem vivências sensoriais, cognitivas, motoras, emocionais e sociais, contribuindo para aprendizagens mais significativas e humanizadas para que as crianças possam crescer conectadas ao mundo real, aprendendo a valorizar a natureza como parte essencial da vida, da aprendizagem e do futuro.

Além disso, as crianças precisam de experiências que permitam conhecer a si e ao outro e de conhecer e compreender as relações com a natureza, a aprendizagem não acontece apenas na sala de referência mas nas interações vividas com o ambiente, com as pessoas e com o próprio corpo.

A importância do contato com a natureza não se restringe a atividades recreativas, mas constitui uma dimensão pedagógica essencial à formação integral, favorecendo a construção de valores, atitudes e conhecimentos voltados à sustentabilidade e ao respeito

pela vida em todas as suas formas. Esse reconhecimento é um convite à transformação, para que a infância seja vivida com mais liberdade, encantamento e conexão com a natureza.

Quando a criança está em contato direto com a natureza, ela não apenas brinca, mas

17

experimenta, investiga, formula hipóteses, cria relações e constrói conhecimento. Ao tocar a terra, observar insetos e correr ao ar livre, ela descobre a si mesma e o mundo, fortalecendo a sua autonomia, criatividade e senso de pertencimento.

No entanto, foi possível identificar limites e desafios que impedem avanços nessa direção. O afastamento das crianças dos ambientes naturais, causado pela urbanização, pelo uso excessivo de telas, pela falta de segurança e ausência de espaços verdes, o que limita essas experiências, representando um desafio pedagógico e social e impactando diretamente o desenvolvimento infantil.

Diante disso, torna-se urgente repensar práticas pedagógicas, formação docente, rotinas institucionais, planejamento urbano e políticas públicas. É necessário que o aprendizado ultrapasse as fronteiras da sala de referência, para que a educação infantil incorpore o ambiente natural como parte integrante do currículo, não apenas no papel mas na prática cotidiana de forma efetiva, e não como um complemento eventual.

Cabe ainda à família e à sociedade refletirem criticamente sobre o tempo dedicado às telas, os hábitos cotidianos e as rotinas das crianças, buscando equilibrar atividades digitais e experiências ao ar livre. É fundamental que os responsáveis incentivem brincadeiras em espaços externos, como jardins, praças, parques e áreas verdes, oferecendo oportunidades para a exploração sensorial, o movimento, a interação social e o contato direto com o ambiente natural.

Portanto, assegurar o contato da criança com a natureza significa garantir o seu direito de crescer de forma plena, curiosa, sensível e verdadeiramente conectada ao mundo. Tal perspectiva não se configura apenas como uma escolha pedagógica, mas como um compromisso ético com a infância, com a saúde e com o futuro que estamos ajudando a construir.

18

REFERÊNCIAS

AMARANTE, C. Telas e infância: impactos no desenvolvimento cognitivo e socioemocional. *Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz)*, Rio de Janeiro, 2022. Disponível em: <<https://www.iff.fiocruz.br/index.php/pt/?view=article&id=35:uso-das-telas&catid=8>> Acesso em: 10 de nov. 2025.

BARROS, Maria Isabel Amando de (org.). *Desemparedamento da infância: a escola como lugar de encontro com a natureza*. 2. ed. Rio de Janeiro: Criança e Natureza/Alana, 2018. 59 p.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular: Educação Infantil e Ensino Fundamental*. Brasília, DF: MEC, 2017.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Resolução CNE/CEB nº 5, de 17 de dezembro de 2009. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 18 dez. 2009.

LOUV, Richard. *A última criança na natureza*. São Paulo: Editora Aquariana, 2016.
MARTINS, Livia; RABATINI, Vanessa; OLIVEIRA, Raquel. Vivência e interpretação do ambiente na perspectiva de Vygotsky. *Revista Psicologia e Educação*, São Paulo, v. 18, n. 1, p. 1-10, 2022.

MONTESSORI, Maria. *A criança*. 3. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1967.
PIAGET, Jean. *Psicologia e pedagogia*. Rio de Janeiro: Zahar, 1971.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA. *Contato com a natureza e desenvolvimento infantil*. São Paulo: SBP, 2024.
Disponível em: <https://www.sbp.com.br/fileadmin/user_upload/24550gMO_Benef_da_Natureza_no_Desenv_de_Crc_e_Adl_SITE.pdf> Acesso em: 09 de nov. 2025.

VYGOTSKY, Lev S. A formação social da mente. 4. ed. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora Ltda., 1991

VYGOTSKI, Lev Semionovich. Quarta Aula: a questão do meio na pedagogia. Tradução de Márcia Pileggi Vinha. *Psicologia USP*, São Paulo, n. 21, v. 4, p. 681-701, 2010. Disponível em: <<https://revistas.usp.br/psicousp/article/view/42022/45690>> Acesso em: 09 de nov. 2025.